



A PAZ MORNA DA GUERRA FRIA

Therezinha de Castro

INTRODUÇÃO

Em se tratando de conferências internacionais pertinentes à paz, a mais conhecida reuniu-se em Paris no ano de 1849 com cerca de 600 participantes, presididos por Victor Hugo; nela já ficou patenteado o princípio de que os preparativos para a guerra seriam a melhor salvaguarda para a paz.

Assim, das guerras regionais ou continentais o Mundo foi, aos poucos, compelido à Primeira Guerra Mundial, que, terminada, levou a humanidade a acreditar na Liga das Nações em cuja Carta declaravam solenemente os seus signatários: "a guerra de agressão é um crime internacional" e, conse-

quentemente todos se propunham "seriamente a não ser nenhum deles, responsável por iniciá-la".

Enquanto na Liga das Nações se defendia o desarmamento, o Japão ocupava a Mandchúria, na América do Sul eclodiu em conflito de fronteira sangrenta guerra entre o Paraguai e a Bolívia, enquanto Hitler marchava rapidamente para o poder na Alemanha. Fatos esses contemporâneos aos planos de paz que se desenvolviam desde 1924 e que culminaram em 1932 na *Conferência Global de Desarmamento*. Nesse mesmo ano se diluíram as esperanças pacifistas visto que nas sessões iniciais da Conferência da Liga das Nações, cada uma das grandes potências apresentava planos não só diferentes como

conflitantes para o desarmamento.

A Europa, o epicentro nevrálgico do Mundo, já estava dividida, inquieta com a crescente militarização da Alemanha e na expectativa ante o quadro econômico sombrio; diante dos fatos, em dezembro de 1933, o Delegado soviético Maxim Litvinov declarava morta a Conferência do Desarmamento.

ENCONTROS E DESENCONTROS

De 1939 a 1940 os governos de Paris e de Londres se reuniram 16 vezes sem conseguir evitar a deblaque da França. A Segunda Guerra Mundial não só prosseguia como se alastrava, gerando negociações secretas entre militares ingleses e estadunidenses, ainda em janeiro de 1941, culminando com o encontro entre Churchill e Roosevelt, em agosto do mesmo ano, no mar, diante de Newfoundland. Quatro meses depois, precisamente a 7 de dezembro de 1941, atacados em Pearl Harbour, os Estados Unidos entravam na Segunda Guerra Mundial.

Inicia-se toda uma série de *Conferências para acertos estratégicos*, sendo a primeira codinominada ARCÁDIA (22 de dezembro de 1941 a 14 de janeiro de 1942). Nesse encontro resolveram Roosevelt e Churchill coordenar as operações militares com planos para desembarques no noroeste da África ou na própria França; ficando sobretudo explícito que nenhum dos dois países faria a paz em separado.

Com o desenrolar do conflito ficava combinado na Conferência codinominada SÍMBOLO (13 a 23 de janeiro de 1943), em Casablanca, no Marrocos, que seria invadido o norte da África. A Rússia já havia entrado na guerra contra o EIXO, mas Stalin não compareceu ao encontro que também preferiu invadir a Sicília, no lugar da França, e dividir os recursos bélicos entre o Mediterrâneo e o Pacífico.

Na TRIDENTE, encontro realizado pouco depois, novos planejamentos bélicos foram acertados, centrados na operação "Overlord" de invasão do norte da França com o General Dwight Eisenhower no Comando Supremo Aliado. Invasão, que pela importância fora discutida minuciosamente em Teheran (28 de novembro a 19 de dezembro de 1943) quando os Aliados já se faziam representar pelos "Três Grandes", com a presença de Stalin ao lado de Roosevelt e Churchill.

Têm início então os *desencontros nos encontros*, podendo-se dizer que em Teheran seria lançada a semente da "Guerra Fria", pois além de impor sobre a imediata invasão da França através do Canal da Mancha para aliviar a pressão alemã sobre as tropas soviéticas, Stalin fez grandes exigências territoriais, sobretudo com vistas à Polônia. Desencontros já prenunciados quando se resolveu *discutir sobre a organização do Mundo no após-guerra*, de 18 a 30 de dezembro de 1943 com a presença dos Ministros das Relações Exteriores, em Moscou — Viachislas Molotov

pela Rússia, Anthony Eden pela Inglaterra e Cordell Hull pelos Estados Unidos.

O *Plano Morgenthau*, proposto pelo Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Henry Morgenthau Jr., que sugeria a transformação da Alemanha num país basicamente agro-pastoril, já aprovado na Conferência de Quebec, codinominada OCTAGONO, seria rechaçado na operação ARGONAUTA realizada em Yalta, cidade da Criméia, de 4 a 11 de fevereiro de 1945. Na Criméia era selado o destino da Alemanha subdividida em zonas de ocupação, para que se acomodasse, em parte, o já antagônico Eixo Leste-Oeste.

Na ocasião, já bastante doente, Roosevelt procurou minimizar os desacertos, pensando na utópica fusão dialética do capitalismo com o comunismo, perdendo terreno, sobretudo quando se tratou de implantar a ONU. Para abrir mão da participação das 16 Repúblicas Socialistas Soviéticas independentemente umas das outras, o que daria completa vantagem ao Kremlin, Stalin exigiu o estabelecimento do direito de veto para os membros permanentes do Conselho de Segurança.

PODER E CONFRONTO

No confronto com o Nazismo, enquanto os Estados Unidos lutaram em duas frentes, Stalin só concordou em declarar guerra ao Japão após a vitória na Europa. Assim, enquanto as tropas inglesas e estadunidenses não haviam ainda cruzado o Reno, e na Itália se en-

contravam atoladas nos Apeninos, os exércitos russos atingiam o Oder, a Polônia e maior parte da Europa Oriental.

Num confronto do Eixo Leste-Oeste que se formava, observou Stalin, ainda em Yalta, que a palavra "Aliados" não tinha qualquer sentido — eram na realidade três os que negociavam a paz para um Mundo que pretendiam, cada qual a seu modo, comandar. Na "Paz Morna" de uma "Guerra Fria", punham-se em confronto o Poder Terrestre e o Poder Marítimo; e, nesse contexto, a França varrida e a Alemanha vencida cediam lugar à Rússia, enquanto do outro lado, a Inglaterra que resistira ao conflito, tudo faria para não ser suplantada pelos Estados Unidos.

Tinha grande significado, pois, o prognóstico de Goebbels ao escrever em seu Diário — "Seja qual for o resultado dessa guerra, só haverá um perdedor: a Inglaterra". Conseqüentemente, percebeu a Rússia que para a Inglaterra sempre voltada ao Poder Marítimo, de nada lhe valeria a Europa Oriental, permitindo assim, que fosse mantida sob influência do Kremlin; no entanto, Stalin não conseguiria envolver todo o "Heartland" de Mackinder, por ter sido a Alemanha dividida politicamente. Mas soube muito bem tirar proveito diplomático ante a ambição de um Império Britânico, prestes a se dissolver com a debacle do colonialismo; a Inglaterra procurou deter o Poder Marítimo e sua influência no Mundo Ocidental, mas tudo perderia para os Estados Unidos.

Assim, no contexto da bipolaridade, uma vez desclassificadas para o jogo decisivo do xadrez mundial — de um lado a França-Alemanha (Poder Terrestre) e do outro a Inglaterra (Poder Marítimo), estariam no confronto a Rússia e os Estados Unidos.

Do exposto concluímos com Raymond Aron:^{*} "Foi a movimentação dos exércitos que acarretou a partilha, não do Mundo, mas da Europa. Os ocidentais podiam prever que a linha de contenção de seus exércitos seria também a linha de contenção das democracias à maneira ocidental. Mas não pensaram a tempo e não concederam à União Soviética o que ela faria depois... Se Roosevelt tivesse conhecido melhor a União Soviética e a Europa teria agido de outra forma. Mas, no fundo, o que aconteceu responde à lógica daquela guerra vencida por inimigos potenciais; cada um desses inimigos se apoderou da metade da Europa". De fato, Roosevelt só conhecera uma Rússia ainda muito fraca, isolada e atrasada, quando da ascensão de Hitler; mas a situação mudara substancialmente após a derrota do Nazismo quando a Rússia, a despeito dos grandes custos acarretados com a invasão alemã, se apresentou como uma das três principais potências a sobreviver com seus territórios intatos.

Por outro lado, habilidosamente, Stalin conseguiu obter vantagens para impor o seu sistema,

ainda enquanto seus exércitos marchavam. Tornou comunista a Europa até o Elba, sem revoluções internas, do mesmo modo como sovietizara os Estados Bálticos durante o Pacto que assinara com Hitler. Do ponto de vista geopolítico tratava-se de uma autêntica incorporação à esfera soviética de Poder, ou, mais verdadeiramente, uma compulsória subordinação ao controle do Kremlin de países até então tradicionalmente ocidentais como a Polônia, a Hungria, a Tchecoslováquia e a própria Alemanha Oriental. E o resultado prático, é que começaria pela Europa a divisão do Mundo em dois Blocos antagônicos.

Impunha-se, por outro lado, a previsão de Alexis de Tocqueville,^{*} quando em 1835, isto é, mais de um século antes do término da Segunda Guerra Mundial, ao afirmar: "Existem hoje sobre a Terra, dois grandes povos que, tendo partido de pontos diferentes, parecem adiantar-se para o mesmo fim — são os russos e os anglo-americanos. Ambos cresceram na obscuridade; e, enquanto os olhares dos homens estavam ocupados noutras partes, colocaram-se de improviso na primeira fila entre as nações e o Mundo se deu conta, quase que ao mesmo tempo, do seu nascimento e da sua grandeza. Todos os outros povos parecem ter chegado mais ou menos aos limites traçados pela natureza, nada mais lhes restando senão manter-se on-

* "O Espectador Engajado" — Editora Nova Fronteira — págs. 146/148.

* "A Democracia na América" — Editora Itatiaia Limitada — Belo Horizonte, 1962 — págs. 315/316.

de se acham; mas aqueles estão em crescimento; todos os outros se detiveram, ou só avançam a poder de mil esforços... O americano luta contra os obstáculos que a natureza lhe opõe; o russo está em luta com os homens; por isso, as conquistas do americano se firmam com o arado do lavrador, as do russo com a espada do soldado. Para atingir a sua meta, o primeiro apóia-se no interesse pessoal e deixa agir, sem dirigir-las, a força e a razão dos indivíduos. O segundo concentra num homem, de certa forma, todo o poder da sociedade. Um tem por principal meio a ação, a liberdade; o outro, a servidão. O seu ponto de partida é diferente, os seus caminhos são diversos; não obstante cada um deles parece convocado, por um desígnio secreto da Providência, a deter nas mãos, um dia, os destinos da metade do Mundo".

Esta foi uma das muitas profissões de Tocqueville sobre os Estados Unidos, nação geopoliticamente adolescente, já que surgia em 1835, como uma experiência sem precedentes na História das nações; curiosidade que despertou ainda naquele jovem francês de 26 anos, só tendo paralelo na Rússia da época.

LUTA PELA SUPREMACIA

A definição ocidental de "Guerra Fria", atribuída ao financista estadunidense Bernard Baruch, aplicada à situação de hostilidade no Eixo Leste-Oeste, jamais foi aceita por Moscou. Consequentemente, alegando que o Bloco

Oriental só deseja a "Coexistência Pacífica", a chamada "Paz Morna" se ajusta plenamente dentro da Geopolítica do Confronto.

Foi com base na "Coexistência Pacífica" que Molotov, Ministro das Relações Exteriores da Rússia, propôs, em 1954, um projeto de pacto europeu de segurança com duração de 50 anos, com base na dissolução das organizações militares nos dois campos antagônicos. Autêntica "Paz Morna" não aceita pelos Estados Unidos, visto que para o Pacto de Varsóvia a medida não implicaria em grandes transtornos com as forças soviéticas recuando apenas algumas centenas de quilômetros, enquanto a OTAN, na prática, estaria apenas do outro lado do Atlântico.

Em contrapartida, o Kremlin não perderia a oportunidade de obter outra vantagem, quando, em nome da "Coexistência Pacífica", no encontro Nixon-Breznev, em Moscou, (junho de 1974), consegue de Washington uma declaração de "não ingerência nos negócios internos dos dois países"; autêntico contra-senso se atentarmos sobre a disparidade entre os sistemas — totalitário fechado e democrático aberto.

Por outro lado, na Geopolítica do Confronto, temos que refletir sobre as distorções semânticas, caracterizando um Mundo que pretendemos se quer desarmar.

George Orwell* em seu trabalho "1984" temia a deturpação do

* Pseudônimo do inglês Arthur Blaïs, nascido na Índia em 1903 e falecido em 1950; o trabalho que estamos mencionando data de 1944.

sentido das palavras resultante do martelar constante da "Indoctrinação", ou seja, da propaganda subliminar que através de algumas fórmulas e expressões repetidas forma a opinião das nações, conduzindo-lhes o próprio povo. Deu a esse fenômeno o nome de "Newspeak" ou "Novilíngua", que se constitui na transmutação do sentido tradicional das palavras, induzindo a manobras do que se convenciona chamar "Double-Think" ou "Pensamento Duplo". Consequentemente, em face da manobra do sentido dúvida — liberdade é escravidão; paz é guerra; nacionalismo incipiente é neocolonialismo; ditadura só se aplica à direita, jamais à esquerda.

Para Orwell, o perfil político do Mundo, no então longínquo 1984, era representado por um monstro de três cabeças que se agredindo entre si em quase nada diferiam. Com base na sociedade humana que desde os primórdios da História sempre se dividiu em três classes — a alta, a média e a baixa, lutando sempre uma contra a outra, destaca Orwell três Estados totalitários nos quais 85% da população chamada com desprezo de "proleta", vegetando na pobreza, vive à margem da política. Por sua vez, os outros 15% são membros de um Partido Único de características socialistas, mas que nem por isso deixam de viver fora do totalitarismo, submetendo-se ao rígido controle de um governo impessoal, sem leis escritas.

Dentro deste quadro, o conceito ideológico chave no vocabulário

político explicitado por Orwell é o do "duplipensar", ou seja, a capacidade de manter simultaneamente duas crenças opostas, acreditando por igual em ambas. Saber que está brincando com a realidade, mas mediante o exercício do raciocínio, convencer a si próprio de que não está violentando essa mesma realidade. O referido processo deve ser consciente, pois do contrário não funcionará com a precisão necessária; mas, ao mesmo tempo, tem que ser consciente a fim de não produzir sensação de falsidade e culpa. Em resumo, para "duplipensar" é necessário adulterar conscientemente o passado, no momento em que este entra em desarmonia com o presente, ou como instrumento de verificação ou contestação das afirmações do Partido, o todo poderoso.

Dentro da ficção orwelliana, o Mundo atual continua a "duplipensar" visto que a adulteração nos discursos políticos com fatos suprimidos, mudados ou reintroduzidos, vêm sendo a tônica da "Paz Morna" da "Guerra Fria". No âmbito das Relações Internacionais toda a humanidade é assim levada a "duplipensar" influenciada pelos sofisticados meios de comunicação de massa representados por Orwell como a "teletela", o elemento de maior efeito dramático, ou seja, um tipo de televisão que tanto transmite como recebe.

Dentro da ficção de Orwell, ainda nos anos 40, essas "teletelas" estavam instaladas, aos milhares, tanto nos lugares públicos como em casas particulares, só podendo ser desligadas pelos dirigentes do

Partido. Por sua vez, os Ministérios que dirigem o Estado totalitário em "1984" refletem em suas próprias nomenclaturas a subversão de valores, na operação constante e total de lavagem cerebral; cabe assim ao "Minitrue" ou "Ministério da Verdade, toda uma propaganda manejada pela Polícia instalada no "Minilove" ou "Ministério do Amor", a fim de que obtenha pleno êxito o "Minipeace", que nada mais é do que o "Ministério da Paz" voltado para a guerra.

No contexto da "Paz Morna" na "Guerra Fria" mostra a prática que a subversão de valores tem sido bem mais eficiente quando levada a efeito pelo Kremlin em relação a seus "aliados" ou "satélites" europeus, por ser mais disciplinada, competente e calculada que a de Washington. Geoestrategicamente, tal posicionamento tem sentido, em face da importância que representa para a Rússia a barreira natural formada pela "Cortina de Ferro". Na região, a Rússia é militarmente mais forte, porém economicamente mais fraca que o Ocidente; por isso, enquanto o Kremlin ameaça a Europa Ocidental com seu poderio militar, esta o ameaça com seu desenvolvimento econômico.

É fato comprovado que desde o segundo conflito mundial o conceito de "Segurança Nacional" vem adquirindo um esmagador caráter militar, induzindo a política de preparo permanente à militarização da economia mundial, conforme o quadro que se segue:

DESPESAS MUNDIAIS COM ARMAMENTOS POR PAÍSES (1984)

<i>América do Norte</i>	
Estados Unidos	186.544
Canadá	5.546
<i>Europa Ocidental</i>	
(OTAN)	
Inglaterra	29.443
França	28.042
Alemanha Federal	27.355
Itália	10.982
<i>Europa Oriental</i>	
(Pacto de Varsóvia)	
Rússia	137.600
Outros Países	13.530
Países Europeus	
não pertencentes a Alianças Militares	15.338
<i>Oriente Médio</i>	
Arábia Saudita	23.385
Egito	1.905
Outros Países	19.490
<i>Ásia e Oceânia</i>	
Japão	10.939
Coréia do Norte	4.140
Coréia do Sul	4.201
Austrália	4.407
Outros Países	21.996
<i>América Central e Insular</i>	2.895
<i>América do Sul</i>	14.745
Argentina	7.262
Chile	2.196
BRASIL	1.771
Peru	1.287
Outros Países	2.229
<i>Africa</i>	14.700
<i>Total Mundial</i>	US\$ 636,7 bilhões

Dados Estimativos do Anuário do Instituto Internacional para a Paz de Stocolmo.

A despeito da política de preparo permanente à militarização, as Superpotências, dentro da "Paz Morna" que norteia a "Guerra Fria" se enfrentam nos SALT sigla de "Strategic Arms Limitation Talks", a despeito da recíproca incompreensão no campo da semântica.

Assim sendo, para os Estados Unidos, o Conceito MAD ("Mutual Assured Destruction") significa que a partir do momento em que cada uma das Superpotências seja capaz de causar prejuízos "inaceitáveis" à outra, mesmo após haver sofrido um "Ataque-Surpresa" ("First-Strike"), o uso de armas estratégicas deve ser excluído, mesmo assim. No entanto, a tecnologia militar vem anulando, em parte, a noção do MAD, que se traduz por "Destrução Mútua Assegurada", em nome da Doutrina da Contraforça ("Contraforce"). Prova este fato, a postura ofensiva do governo Reagan ante a perspectiva de desenvolver todo um arsenal bélico desde as plataformas espaciais para a interceptação de mísseis, a fim de manter uma forte política defensiva preparada para garantir a paz e evitar a guerra. Por sua vez, a Rússia, cuja doutrina oficial estratégica considera que as armas nucleares não passam de mais um recurso militar a ser empregado conforme a conjuntura, sem distinção dos armamentos clássicos, jamais aceitou o Conceito MAD; nem mesmo o termo "Theatre" utilizado pelos Estados Unidos para distinguir as armas baseadas fora de seu

território, das estratégicas, domesticamente instaladas.

DESARMAMENTO

Embora inúmeras já sejam as conferências e acordos sobre o desarmamento, observa-se que relativamente se trata de fenômeno recente. Fenômeno que fez malograr a Liga das Nações, que vem desacreditando a ONU, mas que se constitui talvez no maior problema político da segunda metade do século XX.

No campo do desarmamento as negociações vêm se situando a três níveis: bilateral, regional e multilateral.

A) Negociações Bilaterais

Data de 20 de junho de 1963 o primeiro acordo bilateral entre as duas Superpotências intitulado "Hot Line Agreement", em prol do estabelecimento de uma linha direta de comunicações entre Moscou e Washington para uso em caso de emergência. A 30 de setembro de 1971 através do "Hot Line Modernization" era ampliada a confiabilidade do sistema de comunicações diretas entre as capitais das duas Superpotências por meio de canais adicionais e utilização de satélites — o Intelsat dos Estados Unidos e o Molnyia da Rússia.

Com o intuito de diminuir o risco de uma Guerra Nuclear por acidente, foi assinado no mesmo dia 30 de setembro o "Nuclear Accidents Agreements", estabelecendo-se que os signatários se avisarão mutuamente no caso de acidente ou incidente, não autorizan-

zado, envolvendo a possibilidade de explosão nuclear. Na eventualidade, a parte responsável deverá tomar providências imediatas para neutralizar ou desarmar o engenho nuclear em questão. Por sua vez, os signatários também se obrigam em avisar caso venha a ser assinalado, no sistema de alarme contra mísseis estratégicos, de qualquer objeto não identificado ou de qualquer interferência indébita nesse sistema ou no de comunicações; comprometendo-se também a avisar sobre lançamentos planejados de mísseis estratégicos que ultrapassem os limites do país que realizou a operação.

As normas visando a segurança nos navios e aeronaves das Forças Armadas dos Estados Unidos e da Rússia em alto-mar estão explicitadas no Acordo de 25 de maio de 1972. Através dele, se comprometem as partes contratantes a prestar informações sobre atos em alto-mar que representem perigo para a navegação marítima ou aérea; informando sobre colisões, avarias ou outros incidentes, ditando ainda regras de condutas para navios engajados na vigilância de embarcações de outros países, bem como para os que se destinem a lançamento ou recolhimento de aviões.

Ainda em 25 de maio de 1972 um Protocolo Adicional estabelecia que navios e aviões das Superpotências não poderiam realizar ataques simulados apontando canhões, metralhadoras, lançadores de mísseis, tubos de torpedos e outras armas para navios mercan-

tes de qualquer país evitando assim, incidentes em alto-mar.

Ainda no campo das negociações bilaterais num esforço de desarmamento, os *SALT*, na prática, não geraram qualquer redução das forças nucleares de ambos os lados, muito embora hajam fixado tetos para certas categorias de armamento nuclear estratégico. É que a máquina de propaganda dos dois países, através do "duplipensar" orwelliano, procura minimizar suas respectivas capacidades para justificar, dentro da paz armada, a ampliação do arsenal bélico.

O SALT-1 de 1972 também conhecido como "Ant-Balistic Missile Treaty", proíbe o desdobramento do sistema de mísseis anti-mísseis balísticos para a defesa de todo o território dos dois contendores. Conseqüentemente, limita o sistema de mísseis anti-mísseis a duas áreas para cada país — uma para a defesa da capital, a outra para resguardar um conjunto de mísseis balísticos intercontinentais (ICBM's). Em cada uma dessas áreas não podem ser instalados mais de 100 lançamentos de mísseis anti-mísseis, nem mais de 100 mísseis interceptadores. Para a verificação do cumprimento do Tratado são utilizados satélites de observação construídos com os recursos técnicos dos signatários. Na oportunidade ainda, um acordo provisório congelou durante cinco anos o número de lançadores de mísseis balísticos intercontinentais baseados em terra (ICBM's), bem como a quantidade de lança-

dores de mísseis balísticos instalados a bordo de submarinos.

O Acordo sobre a Prevenção da Guerra Nuclear foi assinado a 22 de junho de 1973, estabelecendo que as Superpotências devem agir de modo a evitar a irrupção do conflito entre elas, ou entre uma delas e outro país.

O SALT-2 assinado a 3 de julho de 1974, também conhecido como "ABM Treaty" reduz o estipulado no SALT-1, limitando a uma única área a ação para o desdobramento dos sistemas de mísseis. Ainda nessa data, os Estados Unidos e a Rússia através do TTBT (Threshold Test Ban Treaty) limitaram os testes subterrâneos de armas nucleares a um teto de 150 kilotons, aperfeiçoando, ainda mais, as comunicações diretas entre a Casa Branca e o Kremlin.

O quadro que se segue indica o número de explosões para ensaio de armas nucleares de 16 de julho de 1945 a 31 de dezembro de 1983; abrangem esses números as explosões atmosféricas e subterrâneas, mas não computa a única explosão experimental realizada pela Índia em 1974, declaradamente para fins pacíficos.

Estados Unidos	729
Rússia	527
França	120
Inglaterra	36
China	27

Em face da "Paz Morna" que controla a "Guerra Fria" cada adversário mantém o outro virtualmente como refém; as duas Superpotências vêm se encontrando para deter a corrida armamentista, sem que nenhuma delas haja alcançado plenos resultados. Assim, na Geopolítica do Confronto o quadro que se segue mostra como se encontravam os arsenais nucleares dos Estados Unidos e Rússia em 1983:

Mísseis Balísticos Intercontinentais lançados de terra	
Estados Unidos	1.045
Rússia	1.398
Mísseis Balísticos lançados de Submarinos	
Estados Unidos	568
Rússia	941
Bombardeios de longo alcance equipados com armamento nuclear	
Estados Unidos	241
Rússia	145
Número Total de Ogivas Nucleares capazes de serem transportadas pelos vetores acima indicados	
Estados Unidos	9.665
Rússia	8.880
Megatonagem Total das Ogivas a bordo desses vetores	
Estados Unidos	3.886
Rússia	3.835

Fonte: Anuário do Instituto Internacional de Pesquisas para a Paz de Estocolmo — 1983.

Com a OTAN e o Pacto de Varsóvia "duplipensando" e atuando numa autêntica Geopolítica de Confronto face a Europa, esse continente, hoje o mais armado do Mundo, assiste sempre a nova escalada nuclear, visto que a tônica das conversações e acordos se atém ao controle de armamentos e não ao desarmamento propriamente dito. E, nesse contexto vem bem a propósito o pensamento de Metternich, diplomata austríaco do século XIX de que "a segurança absoluta de um país significa a insegurança absoluta para todos os demais".

Em face da "Paz Morna" que tempera a "Guerra Fria" se impõe o quadro com a distribuição per-

centual das despesas mundiais com armamentos em 1983:

B) Negociações Regionais

No contexto atual as principais negociações multilaterais no âmbito regional estão bem mais afeitas à Europa. Assim, desde 1973 propostas pelo Conselho Ministerial da OTAN prosseguem as MBFR, ou seja, as "Reduções Mútua Equilibradas de Forças Militares", que se revestem de suma importância em face do Poder Terrestre representado pelo Pacto de Varsóvia. É forçoso então ressaltar que o resultado dessas conversações vem sendo praticamente nulo, já que os russos se recusam a fornecer dados precisos ou outros detalhes sobre a força real do Pacto

	US\$ Milhões	Porcentagem
Países da OTAN		
Estados Unidos	186.544	29%
Outros Países	120.627	19%
Total	307.171	48%
Países do Pacto de Varsóvia		
Rússia	137.600	22%
Outros Países	13.530	2%
Total	153.130	24%
China	35.800	6%
Resto do Mundo	142.691	22%
Total Mundial	US\$ 636,7 bilhões	

Fonte: Anuário do Instituto Internacional de Pesquisas para a Paz de Estocolmo (1983)

de Varsóvia, insistindo na necessidade de um acordo sobre as reduções antes de examinarem-se os fatos.

Conseqüentemente, na Geopolítica do Confronto, ante um ataque do Pacto de Varsóvia, a OTAN não dispõe de forças convencionais capazes de fazer frente apelarão para um contra-ataque nuclear ou convencional mediante o uso de armas nucleares. Esse postulado, oficialmente adotado pela OTAN, justifica a necessidade da manutenção de forças nucleares estacionadas na Europa Ocidental.

Em se tratando dessa "Paz Morna" no campo da "Guerra Fria", observa-se que o impasse começa na semântica. Assim, enquanto os Estados Unidos propõem reduções assimétricas em suas vantagens a fim de estabelecer o equilíbrio de forças entre o Pacto de Varsóvia e a OTAN, também divergem quanto à definição soviética quanto ao termo "estratégico", só aplicado aos mísseis e outras armas capazes de atingir, partindo da Rússia o território estadunidense, sem considerar os mísseis que mantém na Europa Oriental.

Por outro lado, o SALT-1 impondo um teto ao número de mísseis nucleares sem limitar as ogivas, levou os russos a aumentar o número das separadamente guiadas, e recuperar, pelo menos numa certa proporção, o seu atraso tecnológico. Na prática uma autêntica "Paz Morna", já que segundo os especialistas, três ogivas separadamente guiadas são capazes de destruir a totalidade das instalações militares da OTAN, num só

ataque-surpresa, embora não recebam da Rússia a classificação "estratégico".

Caracterizando-se também como "Paz Morna", a *Conferência sobre a Segurança e Cooperação Européia* iniciada em Helsínquia (1974), está longe de se tornar uma autêntica détente, já que seu tema principal, bastante utópico, vem sendo o do fortalecimento da confiança entre os dois Blocos Militares; tema esse discutido também em Madrid (1982-83) e Estocolmo (1984), sem nenhum sucesso.

Dentro desse contexto, numa guerra futura, em face do Pacto de Varsóvia e OTAN, o desfecho forçosamente irá mais uma vez ser decidido na Europa; devendo-se então distinguir dois tipos de guerras possíveis: a termonuclear entre as duas Superpotências na bipolaridade do plano militar, e a convencional, desenrolada num continente ou região, considerada como secundária.

No entanto, é forçoso se dizer que é a "Paz Morna" que ainda controla as Superpotências das quais depende a "Guerra Termo-nuclear", como ainda a quase totalidade dos conflitos secundários. Daí o *Tratado para a Proscrição das Armas Nucleares na América Latina*, ou simplesmente *Tratado de Tlatelolco*, concluído na Cidade do México a 14 de fevereiro de 1967, do qual participou o Brasil, procurar levar seus signatários a utilizar exclusivamente para fins pacíficos o material e as instalações nucleares sob sua jurisdição e a impedir, nos respectivos

territórios, o ensaio, o uso, a fabricação, a produção ou a aquisição, por qualquer meio, de qualquer arma nuclear, direta ou indiretamente, por si mesmos, por mandato de terceiros, ou por qualquer outra forma, bem como o recebimento, o armazenamento, a instalação, a colocação ou qualquer forma de posse de qualquer arma nuclear direta ou indiretamente por si mesmos ou por mandato de terceiros, ou por qualquer outro meio.

Os três *Protocolos Adicionais do Tratado de Tlatelolco* se destinam aos países não latino-americanos que exerçam autoridade sobre territórios englobados na área de aplicação do documento; bem como às potências nucleares para que renunciem ao emprego ou à ameaça de emprego de armas atômicas em áreas do referido Tratado.

Para assegurar a observância do Tratado de Tlatelolco foi criada a OPANAL (Organização para a Proibição de Armas Nucleares na América Latina) cuja função principal consiste no supervisionamento do cumprimento das obrigações a que se submeteram os signatários. Embora o documento venha sendo escrupulosamente respeitado pelas partes latino-americanas contratantes, a Argentina acusou formalmente a Inglaterra na reunião da OPANAL realizada em junho de 1983 em Kingston, na Jamaica, de violação dos compromissos, já que durante a Guerra das Malvinas empregou submarinos de propulsão nuclear, transportando

bombas nucleares em seus vasos-de-guerra.

Esse episódio reafirma uma vez mais a "Paz Morna" nesse Mundo conturbado caracterizado na frase que Margaret Thatcher pronunciou na ONU em maio de 1982. Afirmou a Primeira Ministra da Inglaterra na Segunda Assembléia Especial sobre Desarmamento da ONU que, "em meio às tensões de uma guerra, as declarações unilaterais carecem de valor".

Daí a grande vulnerabilidade da Antártica, sem estatuto político, e cobiçada internacionalmente, hoje também alvo de acordo dúvida que poderá vir a carecer de valor. Assinado a 1º de dezembro de 1959 e em vigor desde 23 de junho de 1961, o *Tratado da Antártica* teve a adesão do Brasil a 16 de maio de 1975. Estabelece o referido acordo que no Continente Austral são proibidas quaisquer atividades bélicas, inclusive a instalação de bases militares, a realização de manobras, a experiência com qualquer tipo de armas nucleares e o lançamento de lixo ou resíduos radioativos.

Por enquanto, a despeito do desrespeito parcial ao Tratado, com a instalação ostensiva de bases científico-militares, se vem realizando a cooperação internacional em certos programas de estudos. No entanto, é fato que o Tratado poderá vir a ser modificado em 1991, se um Estado-Membro do Conselho Consultivo convocar, para tanto, uma reunião.

Observamos diante dos fatos que a tecnologia desfez a imagem heróica dos Pólos, que hoje se destacam no campo da economia co-

mo também no da estratégia. E se a Antártica ainda permanece como o único lugar não partilhado politicamente no Mundo, e ainda governado por princípios do cavaleirismo, é fato que já não se encontra mais imune a demonstrações de rivalidades internacionais; foi, pois, também alcançada pela "Paz Morna" de uma "Guerra Fria" que caracteriza a bipolaridade de nossos tempos.

C) Negociações Multilaterais

Em 1962, sob a égide da ONU, surgia, sediada em Genebra, a *Conferência do Desarmamento* composta por 40 países, da qual, desde o início participa o Brasil.

Graças a essa Conferência foram concluídos vários acordos dentre os quais o *Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares* firmado respectivamente em Londres, Moscou e Washington no dia 1º de julho de 1968, entrando em vigor a 5 de março de 1970. Pelo documento alguns países militarmente nucleares se comprometem a não transferir mais armas nucleares de qualquer tipo, nem outros artefatos explosivos nucleares a qualquer outro país. Do mesmo modo, se propõem a não receber transferência, nem exercer o controle sobre armas e artefatos explosivos nucleares; não fabricar ou adquirir por outros meios essas mesmas armas e artefatos explosivos nucleares.

Na prática, esse Tratado não se exime de coibir a proliferação vertical das armas nucleares; isto é, mantém o monopólio nuclear das Superpotências, sem evitar que

cresçam suas produções de armas nucleares. Consequentemente, a França e a China, que são potências nucleares, não subscreveram o acordo por perceberem que o mesmo consolidava o "condomínio" dos Estados Unidos e Rússia. Na mesma posição se colocou o Brasil, justificando sua recusa em face do Tratado tentar unicamente evitar a proliferação horizontal de armas nucleares, impedindo apenas que países não nucleares venham a ingressar no campo.

Assim o NPT ("Non-Proliferation Treaty") tal como foi redigido não estabelece, na prática, o verdadeiro equilíbrio entre as responsabilidades e as obrigações mútuas. Deixa de compromissar as potências signatárias iniciais de proceder a um desarmamento total ou parcial; submetendo os países não nucleares ao controle obrigatório da Agência Internacional de Energia Atômica, excluindo dessa obrigação as potências nucleares.

O *Tratado de Proibição de Colocação de Armas Nucleares e Outras Armas de Destrução em Massa do Fundo dos Mares, no Leito dos Oceanos e no Respectivo Subsolo*, também conhecido como o *Tratado do Fundo dos Mares*, foi assinado simultaneamente pelos governos de Londres, Moscou e Washington a 11 de fevereiro de 1971, entrando em vigor a 11 de maio do ano seguinte. Comprometem-se seus signatários a não embasar ou instalar no fundo dos mares, além do limite externo de uma zona de 12 milhas marítimas "quaisquer armamentos nucleares

ou outros tipos de armas de destruição total, bem como estruturas de lançamento ou de instalações concebidas expressamente para o armazenamento, prova ou emprego de tais armas". É esta, em resumo, a essência do "Sea-Bed Treaty", ao qual o Brasil aderiu em 3 de setembro de 1971.

A *Convenção sobre a Proibição do Desenvolvimento, Produção e Armazenamento de Armas Bacteriológicas e de Toxinas*, também conhecida como *Convenção sobre a Guerra Bacteriológica ou "BW Convention"* foi assinada simultaneamente em Londres, Moscou e Washington a 10 de abril de 1972, entrando em vigor a 26 de março de 1975. Em tese, se trata da primeira medida de desarmamento geral, pois exige a destruição total de todos os arsenais de armas bacteriológicas e toxinas utilizadas para fins militares.

O documento consta de 15 artigos negociados durante longos debates em Genebra, aprovados em 1971 pela ONU por 110 votos a favor, nenhum contrário e uma abstenção, e que contou com a anuência do Brasil no dia de sua assinatura simultânea, mas ratificado a 27 de fevereiro de 1973.

A *Convenção sobre a Proibição do Uso Militar ou Qualquer Uso Hostil de Técnicas de Modificação do Meio Ambiente*, também conhecida como *Convenção sobre a Guerra Meteorológica*, assinada a 18 de maio de 1977 no Palácio das Nações em Genebra por 33 países, entre os quais o Brasil, designou como depositário o Secretário Ge-

ral da ONU, que era na época, Kurt Waldheim.

Com duração ilimitada, leva os signatários ao compromisso de não utilizar, com finalidade bélica, as armas capazes de modificar o meio ambiente, explicitando essas técnicas em seu Artigo II. É o seguinte o seu texto: "A expressão técnicas de modificação do meio ambiente designa toda técnica que tenha por objetivo modificar, graças a uma manipulação deliberada de processos naturais, a dinâmica, a composição ou a estrutura da Terra, incluídas suas formas de vida vegetal e animal, sua litosfera, sua hidrosfera e sua atmosfera ou espaço extra-atmosférico".

Dos 40 países que compõem a Conferência do Desarmamento, nove integram o Bloco Ocidental e oito o Oriental; além da França e China, destaca-se ainda o *Grupo dos 21*, do qual faz parte o Brasil, incluindo aqueles que não estão vinculados a qualquer aliança militar com as Superpotências e também não possuem armas nucleares.

A Conferência se reúne durante 8 meses, entrando em recesso de setembro a dezembro, durante o período anual das sessões da Assembléia Geral da ONU; é então que a Conferência do Desarmamento submete suas atividades à apreciação dos demais componentes da ONU, que podem também formular recomendações sobre o trabalho a realizar.

Na atualidade a Conferência trabalha em temas que procuram corrigir equívocos, distorções ou omissões nos Tratados já assina-

dos. Um desses temas diz respeito ao Tratado de Proscrição Parcial dos Ensaios Nucleares de 1963 que proíbe testes na atmosfera e espaço exterior além dos seus limites, bem como submarinos, mas não se refere aos subterrâneos. Conseqüentemente, os países do Grupo dos 21 advogam a imediata negociação de um novo documento que abranja a proibição completa de ensaios nucleares em todo e qualquer ambiente.

A cessação da corrida armamentista constitui-se no mais importante tema do Mundo atual, sem que se tenha chegado a um acordo sobre as modalidades de se encetarem negociações propriamente ditas sobre quaisquer de seus aspectos. Daí haver o nosso *Embaixador Celso de Souza e Silva, Representante Especial do Brasil para Assuntos de Desarmamento, Presidente da Comissão de Política e Segurança da Assembléia Geral da ONU*, escrito em seu *Relatório na Conferência do Desarmamento de 1984*: "Após mais de vinte anos de negociações infrutíferas, encontramo-nos mais afastados do que nunca do nosso objetivo principal — negociar acordos que conduzam à meta final do desarmamento geral e completo sob controle internacional eficaz. À luz deste fato, não podemos senão aceitar a evidência de que nossos insucessos têm sido maiores do que nossas realizações".

Do exposto podemos concluir que na "Paz Morna" da "Guerra Fria" a Doutrina da Dissuasão Nuclear, que consiste em conferir credibilidade a uma ameaça, dis-

suade até mesmo a possibilidade de sua própria discussão. No contexto, pois, toda a humanidade continua submetida a conflitos locais" já que os interesses das Superpotências há muito ultrapassaram suas próprias fronteiras ou regiões geográficas e abarcam agora o Mundo inteiro reduzindo ao papel de espectador e refém da confrontação entre elas". Em Relatório de 1983 afirma ainda o Embaixador Celso de Souza e Silva que o insucesso da Comissão do Desarmamento se liga ainda ao fato de existirem declarações unilaterais com dois elementos básicos em comum: "Primeiro, nenhuma delas foi submetida à negociação ou à consulta com os países não possuidores de armas nucleares; segundo, nenhuma delas menciona o objetivo final do desarmamento nuclear".

É fato, no entanto, que a "Dissuasão Nuclear" vem impedindo a guerra convencional e atômica dentro do "Equilíbrio do Terror"; e que na "Paz Morna" da "Guerra Fria" a pesquisa de defesa estratégica, a despeito de haver progredido notavelmente na última década, induziu na Geopolítica do Confronto o fenômeno da "Barreira Prudente". Assim, a "Paz Morna" da "Guerra Fria" se atém ao princípio de um círculo vicioso em que os esforços defensivos estimulam os ofensivos, levando a "bola de neve" a minar a estabilidade enfraquecendo o poder dissuasório. "A crítica que se pode fazer à doutrina de dissuasão nuclear é que ela não se constitui numa estratégia; a teoria da dis-

suasão não indica como as armas nucleares podem ou devem ser usadas; ela se constitui num artifício, cujo objetivo é não usar as armas nucleares; e nisso a dissuasão se tornou no oposto da estratégia militar, cuja finalidade é indicar como as armas devem ser usadas".*

Sob o patrocínio da ONU foram firmados vários tratados multilaterais. A preocupação dos governos ante a Geopolítica do Confronto se refletiu sobremodo em 1978, por ocasião da *Primeira Assembléia Geral da ONU, dedicada ao desarmamento*, quando se adotou o *Documento Final* que assim se expressa em seu primeiro parágrafo: "A acumulação de armamentos, especialmente o armamento nuclear, constitui hoje mais uma ameaça do que uma proteção para o futuro da humanidade... A remoção da ameaça de uma guerra mundial — uma guerra nuclear — é a tarefa mais aguda e urgente dos dias de hoje. A humanidade está confrontada com um dilema — ou freamos a corrida armamentista ou teremos que enfrentar a aniquilação".

A despeito do desarmamento haver sido solenemente condenado pela ONU, na "Paz Morna" da "Guerra Fria" o Mundo vem assistindo à mais desenfreada carreira armamentista da História; muito embora a segurança das nações em confronto procure se apoiar na teoria da dissuasão, ou seja, na ca-

pacidade de infringir ao agressor potencial uma destruição insuportável em retaliação a um ataque mortal.

Ataque mortal que já busca uma quarta dimensão levando a Conferência do Desarmamento a incluir em sua Agenda, desde 1982, o tema da prevenção de uma corrida armamentista ao espaço exterior; daí o chamado *Acordo da Lua e Armas Cruéis*. São na prática dois tratados pertinentes ao desarmamento; o primeiro data de 18 de dezembro de 1979 e é o *Acordo que Dispõe sobre as Atividades dos Estados na Lua e Outros Corpos Celestes*; o segundo, firmado a 10 de abril de 1981 é a *Convenção sobre Proibições e Restrições ao Uso de Certas Armas Convencionais que Possam ser Consideradas Excessivamente Danosas ou de Efeitos Indiscriminados*.

As armas cruéis vetadas pela Convenção incluem lança-chamas, minas, bombas-armadilha, bombas-relógio e bombas de fragmentação que lançam minúsculos estilhaços impossíveis de serem registrados por radiografias.

Em 1983 a Assembléia Geral da ONU recomendou que a Conferência do Desarmamento iniciasse negociações no sentido de prevenir a corrida armamentista ao espaço exterior, popularmente conhecida como "Guerra nas Estrelas".

É necessário, no entanto, rememorarmos que a primeira visão de nosso Mundo de uma perspectiva cósmica, teria início com o lançamento do "Sputnik" pela Rússia a 4 de outubro de 1957, seguido

* N.F. Lavenière-Wanderley — "A Paz Nuclear" — *A Defesa Nacional*, Nº 713 — Maio/Junho de 1984.

pelo "Explorer I" dos Estados Unidos a 31 de janeiro de 1958, passando as duas Superpotências a explorarem o espaço. A conquista do espaço sideral iria desencadear a corrida armamentista nos anos 60, enquanto o controle dos armamentos dentro da "Paz Morna" da "Guerra Fria" passava a dominar o relacionamento mundial nos anos 70.

CONCLUSÃO

A maior parcela dos 100 milhões de dólares que o governo Reagan pretende gastar em 1985-86 com a "Iniciativa de Defesa Estratégica", ou "Guerra nas Estrelas" irá para projetos que não terão imediata aplicação pacífica; sabemos, no entanto, que as pesquisas bélicas acabam, contraditorialmente, colaborando para as causas da paz.

O principal obstáculo a ser enfrentado pela energia nuclear para fins pacíficos, talvez provenha do fato de ter sido a mesma revelada ao Mundo na forma da bomba atômica; entretanto, é inegável, que *o futuro da indústria energética depende de sua conversão à energia nuclear*. Com o aumento da população será necessário um acréscimo equivalente na disponibilidade da energia nuclear, sobretudo se levarmos em conta que as fontes de petróleo e de gás natural que atendem a 3/4 das necessidades mundiais deverão durar ainda apenas uma geração; por outro lado, a energia derivada de combustíveis nucleares é substancialmente mais barata que a do

carvão, produto adstrito hoje a uma série de dificuldades, sobretudo por serem de difícil acesso muitas das principais reservas mundiais.

Em contrapartida podemos afirmar que a despesa e complexidade do método contribuindo para limitar a produção de bombas atômicas a poucos países, daria destaque ao método *laser de separação de isótopos*, representando não só considerável redução nos custos, como maior simplicidade de operação.

Laser é acrônimo de sua definição técnica, ou seja, "Light Amplification by Stimulated Emission of Radiation"; trata-se de uma luz que pode ser obtida de qualquer substância — os cientistas russos usaram um tônico de vodka e os estadunidenses, a gelatina. Descoberto simultaneamente nos dois países na década dos 50, o laser é a forma original de luz fabricada pelo homem. A luz do Sol ou de uma lâmpada incandescente é difusa e à medida que se propaga vai se dispersando até se dissipar por completo; a luz do laser é coerente, oscilando numa única freqüência eletromagnética. Por não se abrir em leque, a luz do laser pode ser focalizada e apontada, sendo capaz de percorrer grandes distâncias antes de perder a energia; é assim, a mais poderosa luz existente na Terra.

Dentro do contexto da "Guerra nas Estrelas" o chamado "raio da morte" ou "arma-laser-de ataque", são técnicas belicistas que poderão vir a serem usadas em campos de batalha no espaço si-

deral, onde inexistem perturbações atmosféricas para desviar o feixe de luz. Por sua vez, o "laser antisatélite" servirá para abater satélites adversários a partir do solo, com o aperfeiçoamento chamado "ótica adaptável" que assegura pontaria precisa, corrigindo automaticamente os distúrbios atmosféricos.

Enquanto um dos subprodutos do programa para a fabricação da bomba nuclear nos Estados Unidos, o elemento artificial chamado *amerício*, se constitui no principal ingrediente dos atuais *detectores de incêndio de uso residencial*; os poderosos raios laser de potencial destrutivo poderão separar um dos isótopos do mercúrio em quantidades comerciais para fabricar *lâmpadas fluorescentes* bem melhores e mais duráveis que as atuais.

O interesse militar por uma "arma laser de raio-X" reposa no fato de que ela poderá liberar contra alvos distantes no espaço uma quantidade de energia muito mais destrutiva que as possibilidades pelos lasers convencionais. As aplicações militares dos lasers têm sido usadas em muitos sistemas sofisticados de guiamentos. As "bombas guiadas a laser" ou "bombas espertas" foram empregadas no Vietnam, e hoje há uma classe inteira de armas desse tipo conhecidas como PGM's ("Precision Guided Munitions"). Incluem bombas, mísseis e outros projéteis que podem ser lançados de tanques, navios, aviões ou mesmo por soldados a pé, caçando e assinalando alvos diretos; podendo também

atingir seus alvos sem a ajuda externa e com margem mínima de erro, já que no campo de batalha do futuro forças inimigas serão localizadas e alvejadas quase que instantaneamente com a ajuda de sistemas de dados, informação por computador, avaliação e controle automático de fogo. Assim, seria posto em prática um método de fotografar do espaço a 480 km de distância movimentos e instalações militares, transmitindo fotografias instantaneamente, por meio de raios laser, ao Gabinete Oval da Casa Branca.

Paralelamente pensam os cientistas, com base no "laser de raio-X", na elaboração de um supermicroscópio capaz de permitir a filmação mediante *processo de holografia em três dimensões, do mecanismo do código genético de uma célula viva*. É fato, pois, incontestável ser a guerra um degrau da Ciência. Os *antibióticos e aviões a jato* que salvam ou aproximam vidas, são consequências de programas bélicos que desencadearam a Segunda Guerra Mundial. Programas bélicos, que, no momento, vêm contribuindo para *detectar o câncer em estágio inicial ou para fotografar defeitos genéticos*.

Concluímos ainda, que inúmeras vezes a História registra o engenho humano superando não só as expectativas, como ainda as previsões dos próprios inventores. Um desses casos se refere a *Thomas Edison*, quando afirmou que lidar com corrente alternada era pura perda de tempo, pois sendo muito perigosa, jamais alguém iria se aventurar a usá-la. Por sua vez, Al-

fred Nobel, após descobrir o dinamite, ficou certo de que com isso contribuía para o término das guerras, já que as armas tornar-se-iam tão mortíferas que atingiriam não só as tropas em combate como a própria população civil.

Com base no verso da medalha, justificam seus trabalhos os cientistas dos laboratórios de *Lawrence Livermore*, na Califórnia, de *Los Álamos*, no Novo México e de *Oak Ridge*, no Tennessee, prometendo farta colheita não só no campo militar como na área das ciências básicas, da medicina e da indústria.

Os cientistas de Los Álamos que durante a Segunda Guerra Mundial elaboraram as teorias das bombas atômica e de hidrogênio, utilizando a luz circular polarizada para fins bélicos, chegaram também à fabricação de um instrumento capaz de efetuar a análise não só rápida, quanto barata de vírus no sangue.

De Livermore os cientistas partindo de uma tecnologia destinada a gerar raios mortais contribuíram para a descoberta do HBTS ("High Brightness Test Stand"), pequeno acelerador produtor de intenso feixe elétrico de alta energia; cabe a esse feixe potencializar um mecanismo chamado electron livre, um dos candidatos a arma espacial, como também na remoção de gases das chaminés das fábricas poluidoras do ar. Contribuindo para minimizar a poluição o HBTS também se propõe a eliminar as pragas que inutilizam frutas e vegetais frescos, substituindo os ofensivos agrotóxicos.

Muitas das armas projetadas pa-

ra a "Guerra nas Estrelas" exigem o uso de gigantescos espelhos, talhados e polidos com mais perfeição para refletir eficientemente os raios no espaço. Tais espelhos poderão ser utilizados para fins pacíficos, melhorando consideravelmente a qualidade dos telescópios. Por sua vez, os supercomputadores utilizados nos desenhos de sofisticadas armas, podem ainda, quando usados na obtenção de modelos matemáticos serem de grande utilidade para os astrônomos; o modelo matemático dos eventos ocorridos na explosão de uma bomba de hidrogênio é aplicável na análise de uma nova estrela.

De um modo geral, o campo do laser, quer no âmbito militar quer no civil ainda se encontra incipiente, porém crescendo mais depressa do que se previra, tanto na Rússia quanto nos Estados Unidos. Podem, pois, os raios laser vir a ser a salvação da humanidade como nova fonte inesgotável de energia, ou a sua própria destruição na forma de armas mais perigosas.

A "Guerra Eletrônica" definida como sendo a atividade militar que compreende o emprego da energia eletromagnética para determinar, explorar, reduzir ou evitar a utilização do espectro eletromagnético, por parte das ameaças ou inimigo potencial, permitindo seu uso pelas forças amigas, considerada a grande vencedora nas Malvinas, foi largamente utilizada no conflito mundial de 1914-18. Largamente utilizada através da radiogoniometria; assim, quando em 1917 os alemães se preparam

vam para ocupar a *Linha Hindenburg*, cometaram o erro de transmitir suas novas posições muito antes de ocupá-las, sendo suas mensagens interceptadas pelos franceses.

Na Segunda Guerra Mundial a Luftwaffe enviou o dirigível L.Z.-130 graf Zeppelin para a costa da Inglaterra para localizar e interceptar as primeiras estações de radar de alerta; no entanto, ecos sonoros denunciaram a presença do aparelho espião levando os ingleses a interromper suas emissões.

A *Guerra do Yom Kippur* em 1967 foi palco de grande combate em novas técnicas e tecnologia aplicada no campo da "Guerra Eletrônica". "Simultaneamente com duros combates, desenvolveu-se um amplo teste dos mais sofisticados armamentos e equipamentos bélicos, alguns inéditos na época". Um desses foi sem dúvida "os eficazes mísseis, em especial os antiaéreos, que demonstraram ser possível reduzir-se acentuadamente a vantagem da superioridade aérea, até então considerada decisiva".*

Durante a Guerra das Malvinas "as tropas de desembarque britânicas usaram vários sistemas de armas eletronicamente comandadas e pequenos sensores que, fornecidos aos habitantes das ilhas, foram colocados em instalações importantes e orientaram os aviões ingleses para eficazes ataques a alvos terrestres... A guerra não decla-

rada no Atlântico Sul mostrou-nos que a força armada sem meios para atuar na Guerra Eletrônica sucumbirá facilmente, ao defrontar-se com forças bem equipadas e adestradas nesta nova dimensão da guerra".*

Considerada como uma das pontas de lança da guerra do século XXI, mas já presente nos conflitos atuais, vem chamando a atenção de diversos países do Mundo. Consequentemente, depois da Guerra das Malvinas, começou a "Guerra Eletrônica" a tomar nova dimensão nos planos de previsão tecnológica do Exército Brasileiro. Com a publicação do Decreto de criação do sistema, a Subchefia de Ciência e Tecnologia do Estado-Maior do Exército prepara-se para colocar em ação, dentro dos próximos cinco anos, o Centro de Instrução de Guerra Eletrônica, a ser instalado numa grande área locada no Distrito Federal.

A implantação de mais ativo complexo industrial militar no Brasil tem sua origem na denúncia unilateral que o governo Geisel fez ao Acordo Militar com os Estados Unidos, em março de 1977. De lá para cá, cerca de 350 empresas vêm, no Brasil, produzindo direta ou indiretamente mais de 100 mil empregos. A contribuição brasileira para a "Paz Morna" da "Guerra Fria" contrasta com a das Superpotências, visto que apenas parcela marginal atende às encargas internas, enquanto expor-

* Flávio Acauan Souto - "Yom Kippur: a Guerra Regional na Era Atômica" - *A Defesa Nacional* - Nº 716 - Novembro/Dezembro de 1984.

* Humberto José Correia de Oliveira - "O Combate Eletrônico" - *A Defesa Nacional*, Nº 718 - Março/Abril de 1985.

tamos 95% do que produzimos, com o Itamaraty apoiando no setor mercadológico.

Vêm contribuindo para o crescimento do complexo bélico brasileiro vários fatores, entre os quais se destacam: o fato de nossos armamentos serem mais fáceis de manter e operar, tendo assim preferência na área do Terceiro Mundo, sempre às voltas com problemas financeiros e pessoal qualificado; as restrições feitas pelo Congresso dos Estados Unidos sobre a transferência de armamentos; e a Guerra das Malvinas nos levando a ver lacunas na área de tecnologia de ponta, sobretudo no setor de sistemas balísticos e eletrônico de precisão. "Paralelamente à conquista da autonomia tecnológica e novos mercados, verifica-se uma grande mudança nos conceitos geopolíticos da estratégia militar brasileira. No estudo do Coronel Geraldo Cavagnari, do Estado Maior do Exército, publicado em março na *Folha de S. Paulo*, o dogma do alinhamento automático deu lugar a uma avaliação mais realista dos perigos e oportunidades que o cenário internacional coloca para as potências médias, como o Brasil". Por outro lado, continua Paulo Kramer,* "quase nenhuma licença de exportação é negada: prevalece a postura pragmática de — vender a quem possa pagar. E não faltam clientes, como mostra a história bem-suce-

dida das principais empresas do ramo, como a EMBRAER, a AVI-BRÁS AEROESPACIAL (foguetes, mísseis e bombas) e a ENGE-SA (canhões, tanques e blindados de todos os tipos), todas localizadas no município paulista de S. José dos Campos, hoje a capital do complexo industrial brasileiro".

Nesse mundo de contrastes conclui-se então, que, mesmo com a entrada de nações emergentes na corrida armamentista, a humanidade aspira a paz. Mas, a despeito do encontro Mikhail Gorbachev-Ronald Reagan em fins de 1985, a "Paz Morna" deverá ainda nortear por algum tempo a "Guerra Fria". Sem chegar a um consenso com os Estados Unidos, a Rússia procurou agitar bilateralmente a questão do desarmamento; em Paris, no mês de outubro de 1985 obteve um "não" formal do Presidente François Mitterand.

Enquanto os políticos não se entendem, os cientistas, de seu lado, procuram mostrar que a Ciência não é a solução. É esta, pelo menos a opinião de Louis Rosen, físico de 67 anos, que em Los Álamos, no isolado deserto do Novo México, participou do Projeto Manhattan que desenvolveu a bomba atômica antes que Hitler a conseguisse. Rosen bem o sabe que contribuiu também para a pesquisa útil na indústria e medicina, acreditando que os Estados Unidos precisam ter boas defesas; no entanto, é de opinião de que "agora deveríamos acrescentar aos laboratórios um grande centro para estudar estratégias destinadas a

* "Complexo Industrial Militar e Exportação de Armamentos no Brasil" in Brasil: Perspectivas Internacionais - N° 4 - Ano I - Novembro/Dezembro de 1984.

evitar conflitos internacionais, buscando o controle de armas, a verificação no cumprimento dos acordos, a defesa estratégica e coisas semelhantes".*

É fato historicamente comprovado que as questões vêm sendo as mesmas da década de 60 — defesa contra mísseis e modernização das forças estratégicas, enquanto o nível de compreensão dos políticos não é mais amplo do que há vinte anos atrás. Conseqüentemente, a "Paz Morna" da "Guerra Fria" tende a continuar, com os dois lados não querendo ceder; enquanto

os problemas se encontram no âmbito da Geopolítica da Confrontação, não podendo ser resolvidos por meios técnicos, a Ciência continua a fornecer novas oportunidades, sem conseguir penetrar no cerne das questões sociopolíticas e psicossociais. Diante do impasse, continua válida a observação feita por Churchill: — "a próxima idade da pedra poderá vir nas asas prateadas da Ciência".

- In Flora Lewis — "A Ciência não é a Solução" — Jornal do Brasil — de 8 de outubro de 1985.



Therezinha de Castro — Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Especialização: Geopolítica e Relações Internacionais. Além de outras obras, escreveu "Rumo à Antártica", em que defende os direitos do Brasil no Continente Antártico, "História da Civilização Brasileira", "Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil", "África — Geohistória, Geopolítica e Relações Internacionais".